

aborda a “memória e prática sacramental em La Rioja Medieval”. Dois estudos da área do Direito Canônico completam essa Revista. Sendo professores e pesquisadores no Instituto de Direito Canônico “Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro”, no Centro Universitário Assunção, Pe. Dr. João Carlos Orsi explica “o conceito de quase – paróquia”, e Pe. Dr. Rubens Miraglia Zani “o procedimento para o reconhecimento de milagres”.

Prof. Dr. Matthias Grenzer

Redator

RECUPERAR O IMAGINÁRIO DA RESSURREIÇÃO

Prof. Dr. Renold J. Blank

1. O IMAGINÁRIO CRISTÃO É MARCADO PELA CRUZ

Exigir que se re-descubra a importância da ressurreição, parece ironia para todo bom cristão, e os piedosos de todas as frações se apressam em confirmar que a festa da páscoa, para eles, sempre era a maior festa do cristianismo.

Os teólogos, por sua vez, apresentam provas históricas e citações bíblicas e dogmáticas para confirmar que a doutrina cristã, desde seus mais remotos começos, sempre teve consciência do fato de a ressurreição ser o centro e o núcleo primordial de toda a fé cristã. No campo dogmático, não há a menor dúvida, frente a esta questão, e isso com toda razão.

Mas, apesar de todas essas provas e não obstante a confirmação de todos os fiéis, permanece o fato indiscutível, que o signo desta religião cristã, até hoje e pelo menos desde os tempos do imperador Constantino, não é a representação do ressuscitado, mas o signo da cruz.

No centro da representação iconográfica, através da qual os cristãos expressam o seu símbolo de auto-identificação, não encontramos um símbolo da ressurreição, mas um símbolo de morte, a cruz.

A expansão da religião cristã, desde o século quatro, se fez sob esse signo.

O cristianismo se identifica pela cruz, e a sua figura central, Jesus, o Cristo, está sendo conhecido pelo apelido de “o crucificado”.

As grandes conquistas da história, começando com Constantino, e passando pelas cruzadas e pela conquista das Américas, se fizeram sob o signo da cruz.

E quando se analisa a religiosidade de nosso povo, encontramos também ali a cruz, como centro do universo religioso.

O cristianismo, na sua prática, tornou-se a religião da cruz, não obstante toda a doutrina dele não cansar de repetir que o seu centro é a ressurreição, e que não se pode falar do crucificado sem falar do ressuscitado.

Uma prática religiosa de séculos transformou a cruz, antigo sinal da vergonha e do fracasso, num símbolo de glória e de veneração. Em cima desse símbolo, se desenvolveu toda uma teologia da cruz, do sofrimento e do sacrifício, e esta teologia foi interiorizada por gerações de cristãos e cristãs. Nunca se negou ou nem se negligenciou a ressurreição, mas na prática de vida do cristão, o que estava presente como imaginário central de sua fé, era e é a cruz, começando com as cruces em cima das torres das igrejas e terminando com o sinal que dá início às suas orações, o sinal da cruz.

A cruz, porém, a partir de seu significado histórico, significa sacrifício, significa dor, significa tortura, morte e humilhação.

Na religião cristã, o fato chocante de que o próprio Deus, em Jesus Cristo, assumiu todas essas realidades, tornou-se o centro da consciência religiosa. Uma consciência, que na piedade da religiosidade popular, encontra até hoje a sua mais profunda expressão na imagem do Jesus sofredor. Imagem venerada pelo povo, porque nela encontra, como num espelho, a sua própria situação de sofredor.

As cerimônias da Semana Santa giram em torno da veneração do Jesus crucificado e, para muitos, a celebração da Páscoa não é mais do que um apêndice religioso do grande evento que se celebrou na Sexta-Feira Santa: da crucificação de nosso Senhor.

Tal situação, confirmada pela sociologia da religião, reflete, melhor do que muitos estudos teóricos, o verdadeiro ângulo, a partir do qual, a grande maioria dos adeptos da religião cristã, até hoje, compreende a sua religião: a Cruz.

A religião cristã se tornou a religião da cruz, e a auto-compreensão de seus adeptos é marcada por esse fato.

2. O FATO DE A CRUZ TER SE TORNADO O SIGNO DA RELIGIÃO CRISTÃ TROUXE PROFUNDAS CONSEQÜÊNCIAS PARA A AUTO-COMPREENSÃO DESSA RELIGIÃO

O fato de a cruz ter se tornado o signo da religião cristã trouxe profundas conseqüências, para a auto-compreensão daqueles que se chamam cristãos e cristãs.

A dor, o sofrimento, o fracasso e a morte se tornaram experiências que perderam a sua dimensão assustadora, e se tornaram até experiências positivas, porque nelas se realizava o seguimento e a imitação de Jesus Cristo. Baseada nessa nova perspectiva, cristãos e cristãs tornaram-se capazes de superar a negatividade da morte e da dor, porque se compreenderam como seguidores daquele que morreu na cruz. Carregar a sua cruz, até hoje é o desafio do ser cristão, bem dentro de uma mentalidade em que a renúncia a si mesmo foi compreendida como pré-condição para seguir Jesus (confira: Mc 8,34-35; Lc 14,26-27; 9,23-24).

Em muitos casos, porém, uma falsa espiritualidade da cruz, desenvolvida em cima de textos como os mencionados acima, fez crescer uma outra mentalidade religiosa. Uma mentalidade com a qual pessoas pensaram agradar a Deus, quando se auto-flagelaram e se submeteram a todo tipo de tortura. Suportar sem reclamar as desgraças de uma vida, marcada por injustiças e problemas, tornou-se para muitos a característica do bom cristão, bem pelo proveito de todos aqueles que assim se aproveitaram da paciência do povo sofrido, explorando-o e oprimindo-o com a certeza de que este povo, por causa de sua fé religiosa, não iria se revoltar.

Para muitos, a religião cristã tornou-se assim uma religião sombria, em cujo centro encontraram a figura de um Deus aniquilado até a morte, por um dos instrumentos mais cruéis de tortura, jamais inventados pelos humanos: a cruz.

Assim era a situação, e assim, ela é ainda hoje em muitas ocasiões.

É frente a esse quadro que se forma hoje, com urgência, a exigência de voltar o mais rápido possível àquilo que é o verdadeiro centro da religião cristã: a ressurreição.

Torna-se urgente uma conscientização que a cruz, em si, não é o fim último da mensagem cristã.

Tal conscientização deve ser feita, sem negar ou esquecer nenhuma das grandes e profundas verdades que a teologia, no decorrer dos séculos, formulou sobre o verdadeiro significado teológico da cruz. Nenhuma dessas verdades pode ser esquecida. Nenhuma delas pode ser negada. Mas, além delas, as outras verdades, que às vezes estão no perigo de serem esquecidas, devem ser recuperadas.

3. A CRUZ, POR SI MESMO, NÃO É O FIM ÚLTIMO DA MENSAGEM CRISTÃ

A cruz, por si mesmo, não é o fim último da mensagem cristã.

A cruz alcança o seu valor, só porque foi superada pela ressurreição.

A cruz em si, historicamente, é um sinal de vergonha e de fracasso. "Escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1Cor 1,23) (cf. também Gal 3,13; Dt 21,23).

O fato de Jesus ter morrido, amarrado e pregado nesse patíbulo vergonhoso, além de revelar a inconcebível Kenosis de Deus, no fundo nos informa em primeiro lugar sobre o terrível abismo de maldade que pode ser alcançado por pessoas humanas. E ele nos informa, do outro lado, sobre a inimaginável bondade de um Deus, que suportou e superou até tal maldade humana (cf. At 5,30-32; Ef 2,14-16; Cl 1,19-20; 2,13-15).

Mas, em si, a cruz não nos dá razão nenhuma para celebrar, bem pelo contrário. É o sinal de nossa vergonha e lembrança dolorosa da maldade humana.

Se a história de Jesus, deste homem que também era Deus, tivesse terminado com a cruz e nada mais, todas as gerações subseqüentes ficariam presas sob o peso incalculável da culpa insuportável de ter crucificado o próprio Filho de Deus.

Se a história de Jesus tivesse terminado com a sua morte na cruz, nunca jamais ninguém poderia dormir tranquilo, porque nunca se saberia se este Deus crucificado, num certo dia, não vingaria a vergonha pela qual teve de passar.

Se o centro da religião cristã tivesse se restringido à cruz, então, esta religião de fato seria uma religião sombria, cruel no seu núcleo e por causa disso, com todo direito, temido e perigoso. A cruz sem a ressurreição permanece aquilo que Paulo diz: escândalo e loucura abominável (1Cor 1,23).

A cruz sem a ressurreição produz temor.

Um Deus que tivesse deixado morrer o seu filho na cruz sem ressurreição, se revelaria um Deus cruel. Mas Deus não é cruel. Deus não é um Deus da morte, mas um Deus da vida!

É por causa disso que devemos recuperar com toda força a consciência da ressurreição.

É por causa disso que devemos redescobrir o profundo e tremendo significado daquele evento, que unicamente era capaz de superar a negatividade da cruz: a Ressurreição.

Deus não se deixou fixar pelo agir humano, numa situação de negatividade.

A sua grande revelação, preparada e modulada por uma história de séculos, inclui o fato de este Deus se encarnar em Jesus Cristo; ela passa pelo evento chocante de uma morte redentora na cruz, mas ela culmina na demonstração do fato de este Deus ser mais forte que toda e qualquer situação de morte. Essa demonstração se realiza pela ressurreição daquele que tinha assumido a morte, e até a morte na cruz: Jesus, verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem.

Ressuscitando ele, o próprio Deus revela diante de todos e para todos que essa cruz e toda a sua negatividade não têm a última palavra.

Ressuscitando esse crucificado, o próprio Deus revela para todos e diante de todos que ele mesmo não concorda com a cruz em si e com tudo aquilo que significava para os representantes daquela época: sofrimento e dor; desprezo da dignidade humana, esquecimento e morte vergonhosa. Deus não concorda com uma tal realidade e, por causa disso, ressuscita o crucificado.

A encarnação na realidade terrível do sofrimento, da pobreza e da aniquilação humana, não é o último objetivo de Deus.

O seu último objetivo é a vida, e esta vida é mais forte que a morte, porque o próprio Deus é esta vida. Isso significa que ele é capaz de transformar situações de morte em novas situações de vida. Na ressurreição de Jesus, Deus comprova esse fato. E ele comprova e justifica que o seu interesse não é nem a cruz em si nem o sofrimento, mas a dignidade de uma vida sem dor e sem humilhação.

Nesse sentido, a auto-humilhação de Deus, assumida por ele na cruz, em nada se torna justificativa para qualquer tipo de alienação e de humilhação de seres humanos. Porque depois da cruz vem a ressurreição.

E é através desta ressurreição que Deus revela que é mais forte que qualquer força da morte.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus comprova diante de todos que a morte e a cruz não têm a última palavra.

O objetivo final de Deus não é o sofrimento e a dor, mas a vida e a superação de toda cruz.

4. RESSUSCITANDO JESUS, DEUS REVELA QUE ELE É CONTRA A MORTE DOS CRUCIFICADOS

Ressuscitando Jesus, Deus revela que ele não está do lado daquelas forças que geram a morte. Nem no nível individual nem no nível social.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus rejeita todas aquelas forças, sejam elas ideológicas, políticas, sociais, econômicas ou até religiosas. Quem gera a morte do ser humano, não pode contar com a solidariedade de Deus, bem pelo contrário. Quem cria situações de morte, desafia o próprio Deus e, por sua vez, está sendo desafiado por Deus. E o grande desafio de toda morte, por parte de Deus, é a ressurreição. Deus ressuscita o crucificado. Deus rejeita a lógica dos crucificadores, como caminho para resolver os problemas. Isso vale, não obstante todo o valor religioso que o símbolo da cruz alcançou no decorrer da história da religião cristã. Este valor é indiscutível, mas só foi alcançado na sua relação com a ressurreição.

Todos os profundos significados teológicos da cruz, descobertos e proclamados numa história de séculos, são verdadeiros e devem ser mantidos sem dúvida nenhuma. Mas, também não há dúvida de que todos esses valores só são possíveis porque depois da cruz havia uma ressurreição que superou toda cruz.

É essa ressurreição que devemos de novo colocar como o primeiro e mais significativo elemento de toda a redenção. Porque é através dela que o próprio Deus estabeleceu a escala daqueles valores pelos quais ele mesmo realmente se interessa.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus os define, porque ressuscitando Jesus, este Deus confirma e retifica os valores defendidos pelo ressuscitado, como sendo os valores dele mesmo.

5. RESSUSCITANDO JESUS, O PRÓPRIO DEUS REJEITA OS VALORES DOS CRUCIFICADORES E CONFIRMA AS OPÇÕES DO CRUCIFICADO

Contra uma instituição religiosa chamada o Templo, que em nome de Deus tinha crucificado o enviado de Deus, porque este enviado não confirmava os valores defendidos pela instituição, o próprio Deus se rebelava. E esta rebeldia de Deus se manifesta pelo fato de ele ressuscitar aquele que foi crucificado.

Mas, ressuscitando Jesus, o próprio Deus também confirma que ele está do lado dele e não do lado da instituição religiosa que o crucificou.

Ressuscitando Jesus, Deus também confirma tudo aquilo que este Jesus tinha dito e feito.

Contra a decisão do Templo de acentuar as exigências da observância escrupulosa da lei, o próprio Deus sustenta aquilo que Jesus tinha sustentado: *a misericórdia, em vez do legalismo.*

Contra a atitude da instituição religiosa que havia se aliado ao poder vigente para manter o seu próprio poder, Deus confirma a opção daquele que foi ressuscitado: *Misericórdia quero, e não sacrificios* (Mt 9,13).

Contra uma atitude de arrogância, que em nome das leis do mercado ou em nome da influência social, ou em nome de qualquer outro sistema, despreza o pobre e se torna insensível ao grito daqueles que foram excluídos, o próprio Deus, ressuscitando Jesus, rejeita tal atitude como falsa. Pela ressurreição de seu filho crucificado, Deus Pai confirma todas as opções de vida desse Filho, incluindo também a sua opção preferencial por todos aqueles que o sistema excluiu: *Bem aventurados vocês, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus* (Lc 4,18; 6,20).

E contra todo um aparato de poder, estabelecido no templo em nome de Deus, o próprio Deus, ressuscitando Jesus, confirma a opção dele de *não acentuar o poder, mas o serviço* (confira: Mt 20,28; Lc 22,26; Mc 10,43).

6. A RESSURREIÇÃO DE JESUS TORNA-SE ATO DE REBELDIA DE DEUS, CONTRA TODOS OS SISTEMAS QUE GERAM MORTE

A ressurreição de Jesus por parte de Deus torna-se assim a ação transformadora por excelência.

Contra todos aqueles que se auto-declaravam senhores ou autoridade; contra todos aqueles que, em nome desta autoridade, esmagavam o ser humano, tiravam-lhe a sua dignidade como filho e filha de Deus, criando as vezes em nome do próprio Deus sistemas que geravam morte; contra todos eles e contra todos que abusavam de Seu nome, para colocar o sistema acima do caso concreto do indivíduo, o próprio Deus se rebelou. E a sua rebeldia se manifesta por um agir que rejeita toda e qualquer argumentação, quando esta argumentação não está em sintonia com a prática daquele que ele mesmo ressuscitou: Jesus Cristo, o homem no qual Deus se encarnou. Jesus Cristo, através do qual esse Deus quis revelar a sua profunda humildade e a sua opção pelo homem em toda a sua fraqueza. Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

Quando o poder o matou, Deus Pai o ressuscitou, de tal maneira que nunca jamais ninguém poderá dizer que Deus não estava do lado dele, que

Deus não estava nele, bem pelo contrário. Ressuscitando Jesus, o próprio Deus confirmou que ele é como este Jesus tinha sido.

A partir da ressurreição de Jesus, está sendo revelada como falsa toda imagem de um Deus, em cujo nome se exige a crucificação de alguém, seja por razões políticas, sociais, ideológicas ou religiosas. Deus não crucifica ninguém. Deus é assim como Jesus é, porque Jesus é a segunda pessoa da trindade. Ressuscitando este Jesus, Deus Pai confirma tudo aquilo que esse Jesus tinha dito e feito.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus Pai rejeita todos os argumentos que querem gerar morte, da mesma maneira como o seu Filho os tinha rejeitado.

A ressurreição desse Filho torna-se assim o grande sinal de rebeldia contra todos os argumentos que querem fixar o olhar na cruz, sem conscientizar sobre o fato profundo que a ressurreição significa a superação da lógica de qualquer crucificador.

Na ressurreição de Jesus, Deus manifesta a sua solidariedade com todos aqueles que, por qualquer razão que seja, deveriam ser crucificados. A ressurreição do Filho torna-se assim a rejeição, também, de todos os crucificadores.

Deus é mais forte que todos eles; e é essa declaração da solidariedade de Deus que dá aos crucificados da história a força de rejeitar a cruzificação que lhes foi imposta, de superar essa cruzificação em nome do Deus que ressuscita; de declarar falsos todos aqueles que, em nome de uma falsa espiritualidade da cruz, querem eternizar o sofrimento, a dor e a morte.

Deus é contra tudo isso.

Deus é um Deus que ressuscita da morte, da dor e da cruz.

E sendo assim, este Deus torna-se um Deus que incentiva reformas transformadoras. Um Deus, em cujo nome os crucificados podem acabar com a sua cruz e conquistar aquilo que é o verdadeiro destino deles conforme os planos de Deus: *a vida em plenitude* (Jo 10,10).

Uma vida sem dor, sem sofrimento, sem perseguição e sem cruzificação: eis a boa nova, contida no grande e decisivo evento da ressurreição.

Essa Boa Nova, os cristãos devem redescobrir.

Essa Boa Nova, eles devem começar a viver, porque é essa a vontade última de um Deus que se declarava Deus da vida e não da morte.

Um Deus do amor e não do egoísmo.

Um Deus da ternura e não do legalismo.

Um Deus que quer misericórdia e não sacrifícios (Mt 9,13); nem mesmo aqueles através dos quais os sacrificadores pensam agradar a Ele (confira: Is 1,11-17; Am 5,21-25).

O que Deus quer é vida em todas as dimensões e em todos os aspectos.

Ressuscitando Jesus, Deus provou que essa é a sua intenção, e que ele é capaz de fazer dessa intenção a nova realidade de vida de seus filhos e de suas filhas.

Essa Boa Nova é capaz de quebrar todos os sistemas e todos os argumentos daqueles que querem manter sistemas de morte.

Ela declara falsa todas aquelas forças que, até hoje, permanecem interessadas na cruz em si, mas que em nada querem conscientizar sobre a ressurreição.

Superar essas forças e recuperar as profundas e tremendas energias transformadoras da ressurreição é uma das tarefas mais urgentes de uma evangelização de hoje e do futuro!

Reinold Blank é doutor em filosofia e teologia. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia no Centro Universitário Assunção.

¹ O presente artigo foi publicado também pela Revista de Filosofia e Teologia "ANÁLISE & SÍNTESE", do Instituto Teológico São Bento, Salvador, Ano II – 2003.

A RAINHA DE SABÁ

UMA PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SABEDORIA FEMININA AFRO-ASIÁTICA DO SÉCULO X A.C.

Dra. Maricel Mena López

Neste estudo, quero destacar a sabedoria da rainha de Sabá, porque ela personifica uma interpretação bíblica feminista que propõe "enigmas" à epistemologia reinante do criticismo bíblico. Ela faz isso com a finalidade de explorar "a rica e obscura profundidade" dos acontecimentos religiosos submersos que inspiram as visões para um futuro diferente da "ekklésia" das mulheres¹. Essa visão diferente parte da necessidade de levantar novas abordagens, especialmente no que diz respeito à personificação da sabedoria no Israel antigo.

Suspeito que a legitimação da sabedoria em uma figura concreta como Salomão, nos textos pós-exílicos, é uma tentativa de transplantação da sabedoria feminina para o homem. Essa sabedoria feminina tem raízes muito antigas que remetem não só à concepção da sabedoria das deusas, como a deusa *Maat* dos egípcios, mas também à sabedoria feminina etíope, personificada na figura da rainha de Sabá.

Nesse contexto argumentativo, as seguintes questões são pertinentes: Será que a sabedoria israelita é uma interpretação da sabedoria etíope e egípcia? Neste sentido, poderia se falar de uma forte influência da sabedoria africana no tempo dos reis israelitas? Será que a referência à sabedoria, na literatura sapiencial, é somente metafórica para acentuar a figura de um Deus

¹ A expressão *ekklésia* das mulheres é própria da hermenêutica feminista de Elizabeth Schüssler FIorenza. Confira: *Sharing Her Word – Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998. p. 86.